

## GUILHERMINO CESAR AVIVA A LINGUAGEM

Beatriz WEIGERT<sup>1</sup>

### RESUMO

Guilhermino Cesar, neste 2008, é homenageado pelo centenário de seu nascimento. Professor, historiador, ensaísta, é como Poeta que prefere ser lembrado. Transferindo-se das Minas Gerais para o Rio Grande do Sul, é Porto Alegre que o retém e mantém até ao derradeiro dia de sua vida. Contudo, Coimbra, em algum momento, o requisita, e Guilhermino Cesar ali exerce o magistério, obtendo naquela Universidade o grau *Honoris Causa*. E a Poesia vai seguindo e anotando vivências. Temática variada, o desconcerto do mundo, a crueldade dos homens, a impotência e o limite. Mas o encanto do verbo: o ludo, o som, o acento, o ritmo. De mais, a reflexão sobre o fazer. A consciência do artefato em ato. A linguagem esgarçando-se, mostra os fios que a tecem. Guilhermino alerta: “A linguagem se aviva com poucas palavras: as precisas”

**PALAVRAS-CHAVE** – poética; estilística; retórica; ludismo; metalinguagem.

todo o problema da poesia vem da palavra, o que é tanto mais exato quanto sabemos que a nossa primeira fragilidade, ao manipularmos o verso, resulta da impotência verbal.

(Guilhermino

Cesar<sup>2</sup>)

### A TEORIA

Tratando-se de estudar “A Língua Portuguesa na Literatura” e “A Língua como tema literário”, é possível buscar fundamentos de análise em lições tanto da antiguidade da Retórica, quanto de pesquisas atuais. Exercícios de reflexão sobre o discurso literário, sobre a linguagem, sobre o signo e o texto designam-se por metalinguagem, em algumas teorias. Assim, a prática aplica-se ao discurso que explica o discurso, à linguagem que estuda a si própria, ao sistema que a si mesmo define, ao texto que sobre si incide. Sem falar no diálogo que, entre categorias científicas, se estabelece. A Retórica Literária traz a figura da metalinguagem (Lausberg, 1982:92), ao ensinar sobre a *aversio* das *figurae per immutationem* (Lausberg, 1982:256). Mikhail Bakhtine aborda o dialogismo, fertilizando a investigação de outros teóricos (1981, p.125). Julia Kristeva percebe a repercussão das noções sobre as variedades dialógicas e cria a designação de *intertextualidade* para definir a relação entre dois ou mais textos (2005, p.65-131). Gérard Genette detalha os processos de diálogo entre as obras, denominando a sua investigação de *Palimpsestos*. Por essa teorização, classifica de *transtextualidade* a relação, manifesta ou secreta de um texto com outros textos, definindo cinco categorias específicas - metatextualidade, intertextualidade, hipertextualidade, arquitekstualidade, paratextualidade -, de que o metatexto é a elaboração que une um texto a outro texto (1989, p.13). Roman Jakobson explicita a função metalingüística, no modo de o código, como glosa, inclinar-se sobre si mesmo (s/d:, p. 127). E Roland Barthes ensina que “uma metalinguagem é um sistema cujo plano do conteúdo é, ele próprio, constituído por um sistema de significação; ou ainda, é uma Semiótica que trata de uma Semiótica” (1964, p. 96).

Compulsando o *Dicionário de Lingüística*, lê-se que “a metalingua é uma língua artificial que serve para descrever uma língua natural” (1973, p. 412).

## O POETA

Guilhermino Cesar, poeta, ensaísta, professor, jornalista, historiador, advogado exerce a reflexão metalingüística, em muitos de seus textos. Como ciência e como arte, ministra lições da expressividade.

Festejando o centenário de seu nascimento - 15 de maio de 1908 -, é de ressaltar a obra deste Professor que atua em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, em Coimbra e em Lisboa. Sai de Eugenópolis, berço de nascimento, dando seus primeiros passos de formação e profissão em Cataguases e Belo Horizonte. De destacar, é sua participação no Movimento Modernista em que, em 1927, com os jovens de Cataguases, colabora na fundação da Revista *Verde*, marco de Escola. Em Belo Horizonte obtém sua graduação acadêmica, e o seu reconhecimento como homem das Letras e da Universidade. Tendo exercido tarefas da administração pública, muito cedo entrelaça o exercício da pesquisa e da arte com o da docência. A presença do Professor mantém-se na memória dos que dele recebem ensinamento e afeto.

As atividades profissionais de Guilhermino Cesar, num período datado entre 1934 e 1953, cumprem-se na Administração Pública no governo do Estado de Minas Gerais e no Estado do Rio Grande do Sul. Para os estudiosos, porém, é no trabalho docente, na criação artística, na crítica literária e na historiografia que avulta a personalidade e a força do Mestre.

Prova de erudição, nos artigos para os periódicos, Guilhermino Cesar faz o recorte no tempo, nomeia personalidades, pesa conceitos, preconceitos, desenha atmosferas culturais, para, então, focalizar assunto, autor e obra de análise. Bem assim, no que toca a "O Berço Literário do Brasileiro", pelas linhas de Julio Dinis e de Camilo Castelo Branco. Continuando por Miguel Torga, com títulos significativos como "O Simples e O Complexo" e "Criação do Mundo". Modo de Guilhermino Cesar reforçar a expressividade do transmontano e trazer a paisagem deste Portugal de tantas faces. Adolfo Casais Monteiro recebe palavras comovidas de Guilhermino, no luto pela morte súbita do amigo – "Morreu só, impresentido, um escritor que viveu para a universalidade do livro, para a sedução das idéias, para as abstrações da cultura"(Caderno de Sábado,9.9.1972). Recorda momentos de convívio, traços de sua personalidade, cita-lhe a obra e sobre ela comenta, "ensinamentos apaixonados e apaixonantes". - Lembre-se de que, neste ano de dois mil e oito, Casais Monteiro também recebe as homenagens pelo Centenário de seu nascimento. Guilhermino Cesar, ao levantar aspectos da obra de Camões, em "Sinto a Falta em Camões", diz:

Sinto por demais o fascínio dos nomes geográficos. Abuso às vezes da sua sonoridade na minha memória de leitor. Não quero afirmar que os nomes geográficos não hajam deixado de despertar no espírito de Camões as mais agradáveis, às vezes estranhas ressonâncias, mas o fato é que ele, mesmo na parte lírica, prefere nomear países e lugares remotos, desprezando a força de sugestão que possuem tantos curiosos topônimos de Portugal.

## O LUDISMO VERBAL

Verdadeiras essas palavras do crítico, ao constatar-se que Guilhermino traz para seus versos a "a força da sugestão de topônimos de Portugal". O poeta compõe brinquedos verbais em jogos fonéticos, como se lê, em *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, no capítulo "Ultraparticular", o poema "Sino" (p. 109) :

Ambaca Fiães Lourosa  
Manila Sines Gironda  
Gemude Arnóia Folgosa

Fésulas Moca Monsanto.  
Olhão Minorca Milhazes  
Celorico Messagães  
Java Leça Não-me-toque  
Carrazeda de Ansiães.  
Francônia Cusco Almourol  
Benguela Cairo Nepal  
Orense Vigo Monróvia  
Numídia Odessa Breslau  
Missipi Calhandriz  
Guadalupe Joanesburgo  
Goa Calpe Carregosa  
Icó São Montemuro.

Justificando o título, o sino pendula, vibrando em movimento harmônico. É a redondilha maior que marca este ritmo, no acento das átonas e das tônicas, e no revezamento das vogais, ora iluminando ora obscurecendo a paisagem verbal. Mas a cadência acentua-se pela musicalidade das proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas posicionadas poeticamente. Enquanto o sino oscila, o imaginário alimenta-se da toponímia. A sensibilidade aflora pela sonoridade e pelo semantismo dos nomes identificáveis e estranháveis, matizando tonalidades de mistério.

Contudo, Guilhermino Cesar brinca, não só com a geografia, no simbolismo de vogais e consoantes. Ele vai jogar também com o dicionário. Ele vai valer-se da Língua Portuguesa para redefinir a função do léxico organizado. É o que está em *Cantos do Canto Chorado*, capítulo, “Novembro Paulistano”, poema “Acalanto de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira” (p.191) :

chalo  
chalota  
chalar  
chalrreta  
chalrote  
chaluta  
chama  
chamalé  
chama-maré  
chamar  
chamarada  
chamaralda  
chamareda  
chamarisco  
chamariz  
chamarra

chá-mate  
chambalé  
chambão  
chamboril  
chamboíce  
cham-  
bor-  
dis-  
ta.

O título aviva a linguagem: faz homenagem ao dicionarista da Língua Portuguesa. Ressalte-se a sonoridade dos vocábulos e o modo como constitui-se o “Acalanto”. É cantiga de embalar de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e, de fato, o “complexo sonoro”<sup>3</sup> determina a função emotiva. A repetição dos fonemas será imitação sonora, modo onomatopaico de ciciar, chamando o sono, fazendo ninar.

O que se lê, aqui, são vinte e cinco versos, numa coleção alfabetada constituída por vocábulos dissílabos, trissílabos e polissílabos, em número de vinte e dois. Tendo como inicial o dígrafo – CH -, representante<sup>4</sup> da constrictiva fricativa palatal surda, forma sílaba com a vogal média oral aberta – A - até ao sexto verso →CHA. A segunda sílaba inicia-se pela consoante lateral alveolar - “L” - mais a vogal posterior fechada – “O” → “CHA+LO”. Em ordenação, do sétimo ao vigésimo segundo verso, a vogal aberta –“A” - nasaliza-se pela presença da constrictiva nasal “M”. A seriação obedece à sucessividade das consoantes (L, M). Já o décimo oitavo verso inclui sílaba com a segunda letra do alfabeto, “B” que se mantém até ao derradeiro vocábulo - “chambordista”.

Quanto aos significados<sup>5</sup>, observa-se palavras não dicionarizadas<sup>6</sup>, havendo corruptelas<sup>7</sup> e apelos<sup>8</sup>.

Atente-se para a função hílare. Confirmada a tonalidade lúdica das associações fônicas, o gesto crítico manifesta-se no final do poema pelo substantivo depreciativo “chamboíce” que, derivado de “chambão” (também no poema) significa trabalho mal feito, grosseiro (auto-crítica?). Chave de encerramento é “chambordista” que Laudelino Freyre registra como relativo aos partidários do Conde de Chambord em França. Interpretação ideológica à parte, é pertença rara, de referencialidade datada.

Pelo que se lê, Guilhermino cria esse “acalanto”, mesclando léxico consagrado a vocabulário inovado. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira recebe a mensagem. Pelas entrelinhas, perpassa a decifração do código de amigos. Cifras que a arte eterniza.

## O FAZER POÉTICO

Ao longo de sua obra, em prosa e verso, Guilhermino Cesar oferece a reflexão sobre poesia e linguagem<sup>9</sup>. Em *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, lê-se à página 60:

Ferida  
Abram a porta,  
ela precisa entrar  
para ser tratada.  
Sim, parece nada,  
mas, na linguagem, toda ferida

é grave.  
Nos olhos? Na espinha? No sangue?  
Não descubro onde; mas parece  
grave. Pode ser mortal.  
Cuidado. Pode virar  
câncer. Não será de nascença,  
um mal incurável?  
Vejam bem. Feriu-se de noite  
na ultrapassagem do som?  
Ou foi, no claro, sem ver  
o perigo? O muito claro  
não lhe serve nunca,  
se a linguagem pretende  
chegar à poesia.  
Cuidem bem dela;  
Tenham paciência.  
A linguagem se aviva  
com poucas palavras.  
As precisas.

O título do poema orienta para o conteúdo a ser desenvolvido.

O imperativo do verbo apela para a urgência do atendimento a um ente feminino referido pelo pronome pessoal “ela”. É tratamento médico que se aplica. A antropomorfização constitui o recurso retórico para concretizar o abstrato. O ferimento suscita hipóteses sobre sua localização, e enumeram-se interrogações. Elementos da vitalidade, da estrutura e dos sentidos: força, consistência e sensibilidade. O eu-poético dirige-se aos receptores, evocando perigos pertinentes à visão e à audição, para concluir sobre as sutilezas do poético, invocando cuidados, como se diz, em *virtutes elocutionis de puritas, perspicuitas e ornatus*.

Em artigo do “Caderno de Sábado”<sup>10</sup>, suplemento literário do *Correio do Povo*, Guilhermino César socorre-se do teórico Pius Servien para recordar que o “ritmo é função obrigatória de toda poesia”, insistindo no fato de que a “linguagem lírica, ao cristalizar-se, “obedece sempre e necessariamente a estruturas sonoras regulares”. Essa regularidade sonora, sendo “inerente à poesia”, tanto pode ser imposta pelos cânones, como obediente ao fluxo verbal ditado pelo inconsciente.

Guilhermino Cesar transmite lições da composição literária pela própria composição literária. Modo expressivo e impressivo, as imagens poéticas sabem elaborar musicalidade e conceitos, muitas vezes constituindo significado, o próprio significante. Os poemas “Sino”, “Acalanto” e “Ferida” desdobram aspectos da criação, pulsando ritmos, refazendo sons, valorizando escritas. Sensibilizam pela beleza e humanizam pela emoção. Guilhermino Cesar detém a arte que aviva a linguagem.

## BIBLIOGRAFIA

## **GUILHERMINO CESAR**

### **Obras em verso –**

- *Meia-pataca*. Cataguazes, Editora Verde, 1928.
- “Ladrão de cavalo”, *Vértice*, 254-255, Coimbra, 1964.
- *Lira coimbrã e Portulano de Lisboa*. Coimbra, Almedina, 1969.
- *Sistema do imperfeito & outros poemas*. Porto Alegre, Globo, 1977. 184 p.
- *Cantos do canto chorado*. Porto Alegre, Fundação Paulo do Couto e Silva, 1990. 227 p.

### **Periódicos –**

- “Poesia e artes poéticas”, in *Organon*, n. 11. Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967. pp. 1-31.
  - “O simples e o complexo”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12.2.1972.
  - “A criação do mundo”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20.5.1972.
  - “Casais Monteiro”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 9.9.1972.
  - “O berço literário do “brasileiro”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 30.12.1972.
  - “Poesia sem data”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 26.5.1973.
  - “Sinto falta em Camões”, Caderno de Sábado, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 9.6.1979.
- CAMPOS, Maria do Carmo (org.). Guilhermino Cesar (1908-2008) - *Caderno de sábado*: páginas escolhidas. Caxias do Sul, Educs, 2008. 440p.

### **Referências bibliográficas -**

- BAKHTINE, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTINE, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. 420 p.
- BARTHES, Roland. “Denotação e conotação”, in: BARTHES, Roland *Elementos de semiologia*. 15.ed. São Paulo, Cultrix, s/d. 116 p.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*: ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. 609 p.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, Candido de Figueiredo.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, Laudelino Freyre.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, s/d. 653 p.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*. Madrid, Taurus, 1989. 519 p.
- JAKOBSON, Roman. “Lingüística e poética”, in: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, s/d. 162 p.

KRISTEVA, Julia. “A palavra, o diálogo e o romance”, in: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo, Perspectiva, 2005. 209 p.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1982.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na Língua Portuguesa*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989. 224 p.